

**ALOCUÇÃO DO PE. GERAL PETER-HANS  
KOLVENBACH, S.J. POR OCASIÃO  
DA CELEBRAÇÃO DOS 150 ANOS DO COLÉGIO  
DE BELÉM, NOS EUA.**

*Tradução de Mardilé Friedrich Fabre*

**Aos Antigos Alunos, Miami  
29 de maio de 2004<sup>1</sup>**

**I**. Estou muito consciente de estar participando em um evento singular: a celebração dos 150 anos de um colégio que, depois de 135 anos de existência, se transferiu de um país para outro, onde, em solo novo, revive com força. Atrevo-me, inclusive, a dizer que o Colégio de Belém espelha o que viveu a imigração cubana nos Estados Unidos. Reflete, muito bem, seus sofrimentos e lutas, sua identidade e mudanças, seu renascer, seu futuro promissor.

Por isso creio que esta Assembléia de Antigos Alunos de Belém e de outros colégios jesuítas de Cuba e Miami é o momento propício para expor

---

1. <http://www.cplalsj.org/documentos/Kolv150Belen.htm>. Acessado em 16 de junho de 2004.

as razões últimas que movem a Companhia de Jesus em seu trabalho. Nas tarefas diárias, estas razões normalmente não se explicitam tão abertamente, e ainda que se explicitassem, aqueles que as escutam são, todavia, demasiado jovens para dar-se conta de sua transcendência, da força interior e da mística que encerram.

Porém, esta Assembléia de celebração dos 150 anos, sim, penso que é um *kairós*, uma ocasião apropriada para compartilhar com vocês a sugestão que faz já aos jesuítas a Congregação Geral 34: *oferecer aos leigos o que somos* (dec.13,8), os grandes ideais pelos quais, durante 150 anos, lutou e viveu o Colégio de Belém.

II. Sobre a transcendência da obra educacional, talvez nenhum testemunho seja tão autorizado como a palavra do atual Pontífice, João Paulo II, que, depois de haver escutado em Roma, toda a Igreja do continente americano, representada em um Sínodo, afirmava em 1999, ao descrever as linhas fundamentais da missão da Igreja em toda a América: *o mundo da educação é um campo privilegiado para promover a inculturação do Evangelho* (Ecclesia in América, 71). Quer dizer que a escola, o colégio e a universidade são ferramentas especialmente eficazes não só para transmitir conhecimentos que nos preparem para enfrentar a vida de hoje, mas também para que a pessoa e o ensino de Jesus Cristo façam parte de nossa identidade comum, de nossa cultura própria como grupo humano. Isso tem a cultura de característico, embora seja algo muito pessoal e íntimo, ao mesmo tempo podemos reparti-la com os outros.

E qual foi a identidade comum, a cultura própria que quis transmitir o Colégio de Belém? Belém foi movido pelo caminho da visão e da experiência cristã de Inácio de Loyola (e quis ser esse caminho), uma vez que ele constitui a forma própria que têm os jesuítas de transmitir o Evangelho. E isso foi o melhor que quisemos transmitir e queremos seguir comunicando hoje em tudo o que fazemos, particularmente em nossas obras educacionais ao comprometermo-nos nelas com a excelência acadêmica e a formação humana integral.

A primeira convicção que Inácio de Loyola quis difundir foi que tudo, nós e o mundo inteiro, tem sentido, pois foi criado

por um Deus que nos ama e que encaminha tudo para o seu Reino. Para ele, o mundo e a história não são um produto do caos ou da casualidade, mas projeto mimado do desígnio de Deus Pai que nos criou à imagem de seu Filho e com a força de seu Espírito encaminha tudo para o seu Reino. Essa é a razão última pela qual Santo Inácio — apesar das tragédias que nos apresentam todos os dias os meios de comunicação — está cheio do Espírito de Deus e da força do Ressuscitado. Se formos capazes de olhar bem a realidade, descobriremos que, através das trevas da sexta-feira santa, já brilha a luz do amanhecer pascoal. Nesse contexto, o discernimento é essencial para Inácio de Loyola: não podemos confundir a luz e as travas, não só precisamos distingui-las muito bem, como também devemos ser capazes de encontrar a bondade de Deus no meio da miséria humana, se não quisermos cair no desespero ou no cinismo agnóstico.

Entretanto, para Santo Inácio, Deus não só criou o mundo por amor, como também chama a cada um de nós para participar da grande obra de seu Reino, que consiste na realização de seu desígnio de salvação sobre este mundo e já neste mundo. Por isso, o Concílio Vaticano II diz que a missão específica dos cristãos é *impregnar o mundo do Espírito de Cristo e que, assim, este mundo alcançará sua meta: a justiça, o amor e a paz.* (LG 36b). Isso supõe centrar a vida em Cristo e sentir seu chamado para trabalhar com Ele para levar este mundo para o Pai, convencido de que aquele que o segue no trabalho e na luta também o acompanhará na glória.

No entanto, não é possível partilhar esta visão de mundo e de nós mesmos se não superarmos a superficialidade que nos rodeia e nos invade: há que fazer-se consciente do drama da situação humana, porque, ao mesmo tempo que sentimos o convite de Deus para o serviço e para a generosidade, sentimos também a tendência de nos encerrarmos em nós mesmos e nos satisfazermos com uma vida egoísta. O ser humano é campo de batalha de poderes opostos. Por isso Jesus nos diz: “Não se pode servir a dois senhores ao mesmo tempo”. A luta é real, e o drama, decisivo: no secreto de nossa consciência, estamos com Cristo ou contra Ele?

O Cristo da espiritualidade de Inácio de Loyola é um Cristo de ação, que, durante sua vida, percorre incansavelmente a Palestina, ensinando, curando, fazendo o bem. Além da mística da contemplação nos conventos, situados em paisagens maravilhosas do campo, existe, no cristianismo, a mística cristã da ação nas cidades do mundo, que nunca se cansa de buscar o que Deus quer e que se compromete em realizá-lo por meio de projetos de paz, liberdade, bem-estar e justiça para todos. Construir um mundo de fé e justiça na liberdade e no amor é o sonho de Deus e também nossa responsabilidade.

A prova definitiva de que nos abrimos à chamada pessoal de Cristo e aceitamos seu convite não são as palavras que pronunciamos, mas as ações que praticamos. Amor real — todos o sabemos muito bem pela experiência de vida — exige compromisso, trabalho e sacrifício. Por isso uma das frases que melhor resume a mensagem de Santo Inácio é a tríplice pergunta de número 53 dos **Exercícios Espirituais**: *Que fiz por Cristo?, Que faço por Cristo?, Que farei por Cristo?* No fundo, esse é o único segredo que move a Companhia de Jesus e lhe dá sua identidade e que ela quer transmitir em tudo o que faz.

Mas não foi dito tudo. Falta-nos um ponto importante: Inácio de Loyola foi um homem da Igreja, embora sua vida na Igreja não tenha sido sempre fácil: todos sabemos que sofreu perseguições injustas pela Inquisição. Porém nada disso o fez perder sua fé de que a Igreja Católica era a verdadeira esposa de Cristo, não obstante deus defeitos e pecados. E pôs a Companhia de Jesus a serviço dela, particularmente a serviço do Pontífice Romano.

**III.** À luz desta visão de mundo e desta mística que nos legou Inácio de Loyola, se entendem melhor as mensagens que fiz nos Congressos Internacionais de Antigos Alunos e, pelo que me consta, vocês estiveram estudando nestes últimos meses como preparação para este Congresso.

Já em Bilbao, no ano de 1991, a resolução aprovada pela Associação Mundial falava de um trabalho de *formação crescente que envolve o discernimento inaciano dos sinais dos tempos e um serviço concreto aos demais, como rumos essenciais para nossa vida e trabalho juntos, como Associação de Antigos Alunos.*

Minhas palavras aos Antigos Alunos em Sidney, no ano de 1997, pretendiam atualizar a mensagem do Pe. Pedro Arrupe: que os antigos alunos cheguem a ser *homens para os demais*, humanizando o mundo. Neste Congresso, já mencionava o nascimento de um bom número de projetos de formação e de ajuda, realizados pelos antigos alunos nas diversas partes do mundo. Inclusive, neste momento, animava a Associação Mundial de Antigos Alunos a caminhar para uma meta ambiciosa: ter uma voz capaz de ser ouvida pelas instituições internacionais e, mesmo pela ONU, porque é preciso ir além das reuniões de recordações nostálgicas, inclusive ir além dos louváveis esforços de ajudar o Colégio, para encontrar caminhos comuns de serviço em âmbito local, regional, nacional e internacional. O último Congresso de Antigos Alunos aconteceu em Calcutá, no ano passado, e se caracterizou pela rica diversidade de países, culturas e até religiões nele representada. Diversidade que não fez desaparecer o profundo vínculo de uma educação comum, que permitiu a pessoas de tão diferentes culturas e religiões viver em paz e harmonia e até unir esforços para a construção de um mundo melhor. Nele enumerei com ênfase os itens nos quais os antigos alunos deveriam insistir no futuro: dispostos a crescer na formação permanente cristã e humana; decididos a atuar em projetos que beneficiem a sociedade e a encaminhem a viver com mais justiça e fraternidade; cuidadosos em atrair às associações de antigos alunos jovens que terminam o ensino médio ou a universidade. E concluía dizendo aos antigos alunos de todo o mundo o mesmo que quero dizer-lhes hoje, aqui em Miami: que vale a pena seguir vivendo os valores e metas da educação recebida no colégio, porque sendo fiéis a eles, cresceremos na vida, e não na destruição do planeta, na ação responsável e solidária pelos e com os pobres, e não no egoísmo inoperante. O melhor de uma escola não é o que se diz sobre ela, mas a vida que levam seus antigos alunos.

IV. Quis fazer convergir a mensagem dos últimos Congressos de Antigos Alunos neste importante aniversário que celebram vocês hoje, pois não são muitas as instituições que podem gloriar-se de celebrar seus 150 anos de ininterrupto trabalho.

E menos ainda as que sofreram uma separação tão dolorosa como a que suportou o Colégio de Belém, e, apesar disso, ter sobrevivido; mais ainda: se inculturou em uma nova realidade e atualizou sua identidade sem perder a essência da antiga. Por isso podemos dizer que Belém viveu também seu mistério pascal, seu processo de morte e ressurreição.

E nele cabe especial mérito àquela primeira comunidade que chegou com as mãos vazias a Miami, em 1961, encabeçada pelos padres Ripoll, Izquierdo e Arroyo e os irmãos Feliz, Arrieta e Eireos. Naquele momento, foram os jesuítas norte-americanos que, respondendo ao chamado de meu antecessor, Pe. Juan Bta. Janssens, apoiaram os que chegavam de Cuba, mendigando, e ofereceram-lhes um dos pisos da Residência de Jesus de Miami para continuar o Colégio de Belém em um novo mundo para os que chegavam. Este primeiro apoio da Companhia de Jesus dos Estados Unidos, mais o persistente trabalho dos jesuítas e de colaboradores leigos, e a generosidade de muitos de vocês, culminaram na realidade deste novo Colégio do qual podem sentir-se orgulhosos, tanto por suas instalações físicas como pelo merecido reconhecimento à sua qualidade acadêmica e formação integral.

Porém a história do Colégio de Belém não é meramente a história de uma instituição, é também um reflexo do que viveram muitos de vocês. Por isso, o Colégio, além de “alma mater”, se converte em um símbolo da imigração cubana: encontrar-se com as mãos vazias em um mundo diferente, passar momentos de angústia e anos de sacrifício, perseverar em constante e duro trabalho sem desanimar nos momentos de crise e, pouco a pouco, começar a sobreviver e a ter experiências exitosas, até chegar à atual situação de bem-estar. O Colégio e vocês construíram um caminho juntos e viveram seu processo de mistério pascal, até nascer de novo, com a identidade renovada, diferente e, ao mesmo tempo, a mesma.

Por tudo isso, estão vocês obrigados a agradecer a Deus e a tantas pessoas que lhes estenderam a mão nos momentos difíceis e permitiram levar adiante a obra do Colégio e suas próprias vidas. E para isso estamos reunidos aqui. Para recordar e agradecer. E, ao recordar e agradecer, renovar nossa identida-

de e enfrentar melhor o futuro, porque a vida não se detém. O presente já nos está lançando no futuro. Mas, agora, esse futuro já o enfrentamos enriquecidos com a experiência destes últimos quarenta anos nos quais aprendemos que, com fé em Deus, trabalho constante e união entre nós, podemos alcançar metas inimagináveis.

Em vista disso, convido-os, neste momento, a olhar o futuro com fé, o que equivale a dizer, colocarmo-nos nos planos e sonhos de Deus para participar conscientemente deles. Que metas condizentes com o sonho de Deus podemos nos propor para os anos vindouros? Não quero nem devo controlar este processo de reflexão, que é, ao mesmo tempo, um processo de oração, pois é a busca do que quer Deus de vocês como herdeiros de uma tradição educacional cristã iluminada pelo carisma de Inácio de Loyola. Por isso agora somente lhes faço algumas sugestões para ajudá-los nesta decisão.

A primeira está na relação com a sua Associação de Antigos Alunos. O ideal seria revivificá-la e reforçá-la, uma vez que aglutina os antigos alunos dos Colégios de Cuba e de Miami. Faço essa recomendação, porque, no mundo onde vivemos, necessitamos criar espaços em que se alimentem e expressem, ao mesmo tempo, os valores e ideais com os quais queremos fortificar nossas vidas. A última Congregação Geral dos jesuítas, reunida em Roma, em 1995, indicava as Associações dos Antigos Alunos como um *dos caminhos privilegiados para a formação cristã na espiritualidade inaciana e para a colaboração na missão comum* (Dec. 13, n. 17) Isso acontece entre vocês? Para encarnar este ideal, necessitamos dar um salto qualitativo, tanto em relação à instituição como em relação ao compromisso da Companhia com ela. Desejo à Associação de Antigos Alunos de Belém que chegue a ser um exemplo deste ideal para todas as associações que quiserem personificar isso.

A trajetória desta meta o devemos, entre outros, a um homem que tanto lutou durante todos estes anos, reunindo os antigos alunos dos Colégios de Belém, Eletro-Mecânica, Sagua, Cienfuegos, Santiago de Cuba e de Miami, acompanhado-os fielmente em seus momentos de alegria e de tristeza: o Pe. Juan Manuel Dorta-Duque. Além disso, muitos dos jovens

antigos alunos de Miami trabalharam durante os verões destes últimos 21 anos, sob a orientação do Pe. Eduardo Alvarez, na construção de escolas, aquedutos e pontes, ajudando as pessoas pobres da República Dominicana e sendo solidários com elas. Oxalá vocês recebam esta herança e façam da associação não somente lugar de agradáveis encontros de amigos e companheiros, e meio generoso de contribuições e doações para o Colégio, mas também, sobretudo, uma organização viva de autêntica formação cristã e de significativa realização de uma missão comum de fé, justiça, cultura e diálogo. Isso se pode realizar em âmbito local e, pouco a pouco, pode ir estendendo-se para o âmbito regional e continental, pois a globalização, hoje, estabelece problemas que transcendem fronteiras nacionais, requerem colaboração e exigem respostas rápidas e bem-informadas. Necessitamos criar instituições ou redes de trabalho que permitam dar respostas aos problemas, tendo um objetivo comum e uma coordenação identificável de serviço para o reino de Deus. Hoje há bons exemplos deste tipo de trabalho: os jesuítas africanos criaram uma rede contra a AIDS. Outros se uniram para pensar sobre os problemas que trazem o crescimento da população mundial ou para colaborar com soluções para os preocupantes problemas ecológicos. Mais conhecido é hoje o Serviço Jesuíta para os Refugiados. Os jesuítas latino-americanos estão dando os primeiros passos para organizar o Serviço Jesuíta para os Migrantes. Não seria o caso de pensar em um trabalho integrado que enfrente algum dos grandes problemas do continente, como a AIDS, ou a droga, ou as migrações? Poderia ser essa uma forma digna de celebrar os 150 anos, com a esperança de que o pequeno grão de mostarda, que semeamos hoje, possa converter-se em árvore frondosa que cobrirá muitos ao celebrar um dia os 200 anos de Belém? Abrimos aqui um campo de reflexão, oração e decisão para a Associação de Antigos Alunos.

Já é tempo de terminar essa alocução e pretendo fazê-lo da mesma forma como o fiz há quatro anos ao dirigir-me aos alunos do Colégio de Belém de Miami por ocasião deste novo milênio. Só que agora minha exortação e desejo quero convertê-los em oração e bênção para todos vocês.



Que o Senhor faça os antigos alunos de Belém e de todos os colégios jesuítas de Cuba e Miami,

*Homens e mulheres fiéis e carinhosos com suas famílias e seus amigos; competentes para responder aos desafios do mundo em que lhes coube viver; honestos e conscientes de sua responsabilidade social e cultural; compassivos e solidários para aqueles que são pobres e sofrem injustiças e exclusão; comprometidos com a comunidade, com o serviço para os demais e com a construção de um mundo mais fraterno e humano; tudo sob a inspiração da fé cristã, seguindo o exemplo de Cristo, o “homem para os demais” por excelência, que, com sua palavra e seu exemplo, nos ensinou a força transformadora do amor.*

Muito obrigado.

